

## POSSIBILIDADES E DESAFIOS NO PROCESSO DE ELABORAÇÃO DE UM AVA USANDO O MOODLE \*

*Bruna Scheiner Gomes Pimenta – Universidade Federal do Rio de Janeiro*

**RESUMO:** As novas tecnologias de informação e comunicação representam e oferecem novas ferramentas e contextos pedagógicos. A expansão da educação a distância revela a importância dos Ambientes Virtuais de Aprendizagens (AVA). Contudo, a criação de tais ambientes exige planejamento e domínio de saberes técnicos e pedagógicos. O presente trabalho tem por objetivo relatar e analisar os desafios no processo de elaboração do componente on-line de duas disciplinas de graduação na Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro usando a plataforma Moodle. As seguintes perguntas nortearam as reflexões: Como ocorreu o planejamento de atividades e divisão de tarefas? Quais foram os papéis assumidos pelos participantes? Que desafios foram encontrados no planejamento do curso? Que estratégias foram usadas para superá-los? A fundamentação teórica foi composta pela Teoria da Atividade (ENGESTRÖM, 2002) que auxiliou na compreensão do processo de elaboração do AVA enquanto um sistema de atividades considerando a divisão de trabalho e pelo design instrucional (FILATRO, 2008) que apontou o planejamento e avaliação como procedimentos fundamentais para garantir êxito na elaboração do componente on-line.

**PALAVRAS-CHAVE:** AVA; design instrucional, tecnologia, educação.

### INTRODUÇÃO

As Novas Tecnologias de Informação e Comunicação (NTICs) aparecem no cenário pedagógico como ferramentas de produção e divulgação de saberes, contribuindo para a expansão de redes de conhecimento. Oferecem ainda a possibilidade de criação de um espaço de convivência virtual e interação, que são fatores importantes na construção do conhecimento, representando o outro e a troca. A Internet, portanto, estimula os alunos pela novidade e por oferecer a possibilidade de maximizar o aprendizado (OLIVEIRA et.al, 2004).

Conforme Filatro (2008, p.xiii),

a expansão da educação a distância e a incorporação das tecnologias de informação e comunicação nos mais diferentes níveis e modalidades de educação tornam cada vez mais clara a necessidade de profissionalizar aqueles que trabalham diretamente na criação de soluções para o aprendizado eletrônico.

\* Acesso ao registro da comunicação em Chat: <<http://www.textolivre.org/wiki/IXevidosol/Pimenta>>.

Para o professor, o ambiente virtual não é apenas um novo meio distinto do presencial. Ele representa uma nova prática pedagógica; um novo olhar sobre ensino-aprendizagem. Além disso, competências de diferentes campos do saber são exigidas do professor para atuar neste contexto como, por exemplo, educação, tecnologia, gestão, comunicação. Para elaborar um curso em um ambiente virtual de aprendizagem (AVA) essas competências também serão fundamentais.

O presente trabalho é resultado parcial de uma investigação sobre o desenvolvimento do componente on-line de duas disciplinas do setor de língua inglesa do curso de graduação da Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro sendo uma do primeiro (D1) e outra do quarto período (D4). O objetivo do trabalho é relatar e analisar apenas a fase de planejamento do ambiente virtual de aprendizagem. Algumas perguntas nortearam as reflexões: Como ocorreu o planejamento de atividades e a divisão de tarefas? Quais foram os papéis assumidos pela professora, pela assessora e pelos monitores? Que desafios foram encontrados no planejamento do curso? Que estratégias foram usadas para superá-los?

## DESENVOLVIMENTO DA PESQUISA

Desenvolver um componente on-line de uma disciplina exige planejamento e organização, além de conhecimento sobre aprendizagem e aspectos pedagógicos. Dessa maneira, em diversos momentos a área de educação a distância, mais especificamente, a do design instrucional, esteve presente para embasar minhas ideias. O conceito de Design instrucional pode ser definido como

a ação intencional e sistemática de ensino que envolve o planejamento, o desenvolvimento, e a aplicação de métodos técnicas, a fim de promover, a partir dos princípios de aprendizagem e instruções conhecidos a aprendizagem humana. Em outras palavras, definimos design instrucional como o processo (conjunto de atividades) de identificar um problema (uma necessidade) de aprendizagem e desenhar e avaliar uma solução para esse problema.” (FILATRO, 2008,p.3)

O processo de design instrucional mais aceito atualmente divide as ações educacionais em pequenas fases: análise de necessidades, projeção, desenvolvimento, implementação e avaliação da solução. Indo além, o design instrucional preocupa-se com a produção de conhecimento acerca da melhor forma de contemplar os diferentes estilos de aprendizagem.

Outra base teórica usada para fundamentar meu pensamento e minhas ações foi a teoria da atividade. Vygotsky, Leontiev e Luria fundam a Teoria da Atividade (TA) com origem na filosofia sócio-cultural marxista (DANIELS, 2003). Para a Teoria da atividade, o sujeito ou um grupo tem uma forma de agir direcionada a um objeto. Tal objeto pode ser algo concreto ou abstrato como uma ideia ou desejo. A intenção do sujeito é transformar este objeto em resultado. Sendo que, para auxiliar este processo ferramentas de mediação são usadas.

A primeira geração de TA estava preocupada com o conceito de mediação sujeito-objeto. Vygotsky acredita que signos, artefatos e ferramentas fazem a mediação de tal relação. O foco no indivíduo faz com que a primeira geração seja considerada limitada. Já a segunda geração, que teve Leontiev como expoente, buscou compreender a atividade que motivava o sujeito. O termo atividade surge com o aparecimento da divisão do trabalho e com a vivência em sociedade. Assim, a segunda geração passa a considerar a comunidade, as regras e a divisão do trabalho. A terceira geração, proposta por Engeström sugere um modelo de sistema de atividades, ou seja, redes de atividades que interagem e se comunicam. (TAVARES, 2004)

## **METODOLOGIA**

O trabalho é resultado de uma pesquisa exploratória de base etnográfica. O contexto de pesquisa foi o projeto Letras 2.0. desenvolvido pelo núcleo de pesquisa LingNet que está inserido no Programa de Pós-graduação em Lingüística Aplicada da Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

O projeto tem por objetivo oferecer condições para que a Faculdade de Letras venha a oferecer disciplinas e cursos de extensão na modalidade on-line usando a plataforma Moodle, incentivar pesquisas na área de educação a distância, oferecer oportunidade para formação de docentes e, futuramente, monitores que tenham atuação on-line e auxiliar os professores na inserção das novas tecnologias nas aulas presenciais. Em relação aos objetivos do projeto, este trabalho insere-se no primeiro deles.

Os participantes da pesquisa foram a professora que lecionava tanto para o primeiro período como para o quarto período, os monitores das disciplinas que totalizavam inicialmente três, sendo dois monitores voluntários para D1 e uma monitora bolsista para D4 e a assessora- a autora do presente artigo. A assessora já havia trabalhado anteriormente com a professora durante um ano na função de monitora da D4. Destaco este fato, pois acredito ter sido ele muito importante para o bom relacionamento/comunicação entre professora e assessora e para o desenvolvimento das atividades da D4.

Foram utilizados e-mails, notas de campo e entrevista por e-mail como instrumentos de geração de dados. É importante destacar que foi pedida a autorização dos participantes para o uso dos e-mails na pesquisa.

### **Desafios e reflexões**

A fim de saber as expectativas da professora para o desenvolvimento do componente on-line para as disciplinas foi realizado um primeiro encontro presencial sem a presença dos monitores. A professora mostrou-se muito entusiasmada tanto no encontro quanto nos e-mails anteriores ao encontro. Além disso, ela já havia pensado em algumas atividades para o ambiente on-line tornando possível compartilharmos algumas ideias.

Ao pensar em desenvolver um componente on-line (CO) para disciplinas presenciais da graduação era necessário desenvolver atividades para este novo ambiente. Havia um prazo

previsto para disponibilizar o CO para os alunos. Logo, tornou-se fundamental criar um cronograma com as atividades que precisariam ser realizadas e os prazos a fim de termos uma melhor organização e planejamento dos eventos e etapas. Como a equipe era numerosa para a proposta do trabalho, na verdade era como lidar com duas equipes ao mesmo tempo: D1 e D4. Era preciso, portanto, que eu me assegurasse que pouco ou nenhum ruído atrapalharia a comunicação.

Neste momento, utilizei um recurso de design instrucional denominado mapa de atividades. Conforme as figuras 1 e 2 abaixo mostram, o mapa de atividades foi modificado para atender melhor às necessidades da equipe.

PROJETO LingNet

**Letras2.0**

PROJETO LingNet

**Mapa de Atividades**

Curso/Disciplina: Inglês IV  
Carga horária:  
Período:  
Professor:

+

Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA): Moodle

Aula/ Semana (período)	Unidade/Aula (Tema principal)	Objetivos específicos	Atividades	Recursos/ Ferramentas usadas no AVA	Observação
1					
2					
3					
4					

Fig.1- Mapa de atividades inicial



PROJETO LingNet

**Letras2.0**

PROJETO LingNet

**Mapa de Atividades**

Curso/Disciplina: Inglês IV  
Carga horária:  
Período:  
Professor:

Aula	Atividade	Prazo/tempo	Valor	Mensagem
1				
2				
3				
4				

Fig. 2- Mapa de atividades modificado

O mapa de atividades permite uma visualização geral do curso e das atividades e serve de instrumento para orientar a equipe de desenvolvimento instrucional. É possível traçar um panorama e expectativas para o curso a partir de informações obtidas pelo mapa. Logo, ele auxilia bastante a fase de planejamento. É claro que o mapa passou por uma série de ajustes, adaptações e alterações, fazendo com que a sua versão final se diferenciasse bastante da primeira versão.

A comunicação com os monitores acontecia pelo menos uma vez por semana quando eles recebiam um e-mail com a programação daquela semana. Eles não tinham acesso ao mapa de atividades completo e sim a um cronograma de tarefas (figura 3).

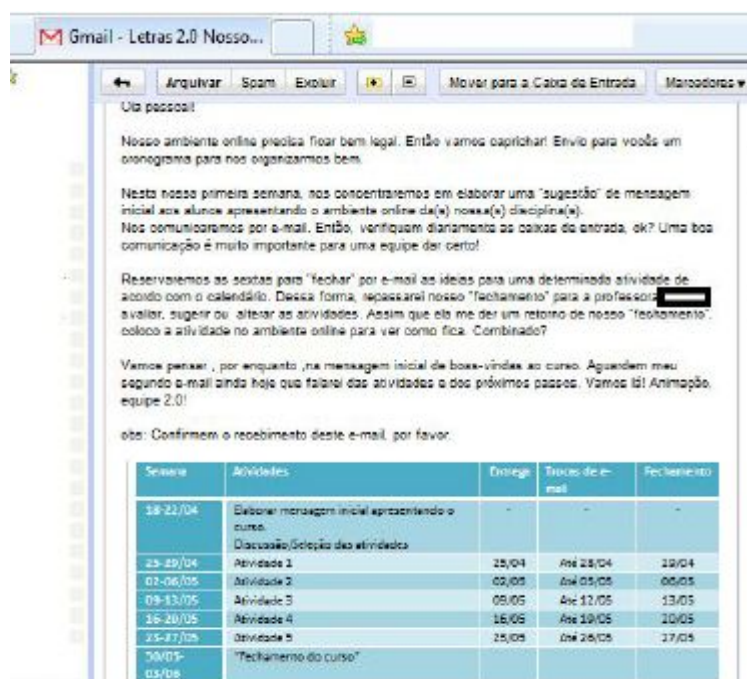


Fig. 3- Cromograma de tarefas (e-mail)

As atividades eram disponibilizadas semanalmente e o objetivo era criar um enunciado para a atividade sugerida, e se quisessem estariam livres para sugerir outras atividades. Conforme a professora coloca na entrevista por e-mail: o “propósito era que eles indicassem o que iria ser mais motivador e dessem sua opinião sobre o grau de dificuldade.” Tendo feito isso, a assessora passaria o resultado das suas interações com os monitores para a professora e chegariam a uma versão “final” da atividade para que, por fim, ela pudesse ser colocada no ambiente on-line. A professora, durante as reuniões semanais com os monitores, ocasionalmente tratava de assuntos do projeto Letras 2.0 e procurava saber como estava o andamento do processo.

Os papéis entre os membros da equipe foram divididos da seguinte maneira: os monitores ficaram responsáveis por trocar ideias com a assessora sobre as atividades e a linguagem empregada no ambiente on-line; a assessora ficou responsável por comunicar-se com os monitores, com a professora (reuniões presenciais e trocas de e-mails), resolver problemas técnicos e postar conteúdo no ambiente on-line. A professora, por sua vez, comunicava-se com a assessora, com os monitores (nas reuniões semanais e e-mails), fazia correções no ambiente on-line e adaptações de exercícios.

Planejar um componente on-line de um curso pode ser analisado como um sistema de atividades. A divisão de trabalho entre os participantes da atividade faz com que uma rede de sistemas seja estabelecida. Há, portanto, um sujeito (equipe), um objeto (curso a ser

desenvolvido) e ferramentas de mediação (mapas de atividades/e-mails). Analisando a elaboração do componente on-line da D4 cada sujeito no sistema de atividades usou ferramentas diferentes, todavia compartilhando o mesmo objeto.

Alguns desafios foram encontrados ao longo do planejamento do componente on-line. O primeiro deles foi a disponibilidade de horários de encontro entre professora e assessora que não coincidiam. Para a realização dos quatro encontros presenciais, a solução foi negociar horários e dias de encontros. Tanto a assessora precisou administrar faltas com seu empregador quanto a professora fez reuniões em seu horário de almoço.

Outro desafio, e eu diria, o maior deles- foi a participação dos monitores de uma das disciplinas na realização das tarefas e na comunicação. O próprio monitor afirma que “a comunicação entre equipe foi boa. Poderia ter sido melhor, pois, infelizmente, não pude responder de forma satisfatória por estar muito ocupada com o trabalho.”

A primeira estratégia usada por mim foi o envio de e-mails questionando a “ausência/falta de notícia por parte dos monitores. (Figura 4)



Fig.4 – E-mail questionando ausência dos monitores

A segunda estratégia usada foi mudar o canal de comunicação. Ao invés de usar o GoogleDocs para nos comunicarmos, trocar ideias e construir colaborativamente os enunciados das atividades como fizemos na primeira atividade, passei a usar o e-mail para troca de mensagens e arquivos. Apesar de ainda gostar mais da primeira forma de comunicação por ser mais adequada para produzir textos colaborativamente, a estratégia que deu certo na prática foi a segunda.

## CONCLUSÃO

Conclui-se que “dividir projetos altamente complexos em componentes menores e mais administráveis permite identificar estratégias, abordagens, atividades e métodos com maior probabilidade de êxito” (Filatro, 2008,p.6)

Durante a implementação, avaliações devem ser feitas para repensar a elaboração dos próximos componentes on-line. Contudo, vale a pena destacar que para garantir o êxito dos cursos as avaliações devem ser feitas ao longo da fase da implementação e não apenas ao final do curso.

À luz dos argumentos, a organização e a comunicação são fundamentais para o andamento do trabalho. Além disso, as competências não só técnicas como pedagógicas devem ser balanceadas. É preciso ter flexibilidade ao administrar e gerenciar processos, pois é natural que nem sempre o que foi planejado saia como esperado ou que o cronograma não seja cumprido, sendo necessárias assim adaptações e ajustes ao longo do caminho.

## REFERÊNCIAS

DANIELS, H. Abordagens atuais da teoria sociocultural e da teoria da atividade. In: Vygotky e a Pedagogia. São Paulo: Edições Loyola, 2003, p. 93-125.

ENGSTRÖM, Y. Aprendizagem por expansão na prática: em busca de uma reconceituação a partir da teoria da atividade. Cadernos de Educação Universidade Federal de Pelotas, ano 11, n.19:31-64, jul./dez. 2002.

FILATRO, A. Design instrucional na prática. São Paulo. Pearson Education do Brasil.2008.

OILIVEIRA, E. S. G.; rego, m.c.l.c; FREITAS, N,G;VILARDI, R,M.. Formação continuada de professores em ambiente virtual: um estudo sobre as funções da linguagem. 2004 Disponível em: [http://www.ateneonline.net/datos/40\\_03\\_Oliveira\\_Eloiza.pdf](http://www.ateneonline.net/datos/40_03_Oliveira_Eloiza.pdf) Acesso em 14 março 2010.

TAVARES, K.C.A. Aprender a moderar lista de discussão - um estudo na perspectiva da teoria da atividade. Tese de doutoramento. Doutorado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem, PUC-SP, 2004, In: LEFFA, V. (compilador) Textos em Linguística Aplicada - TELA 4 (em DVD), Pelotas: EDUCAT, 2009.